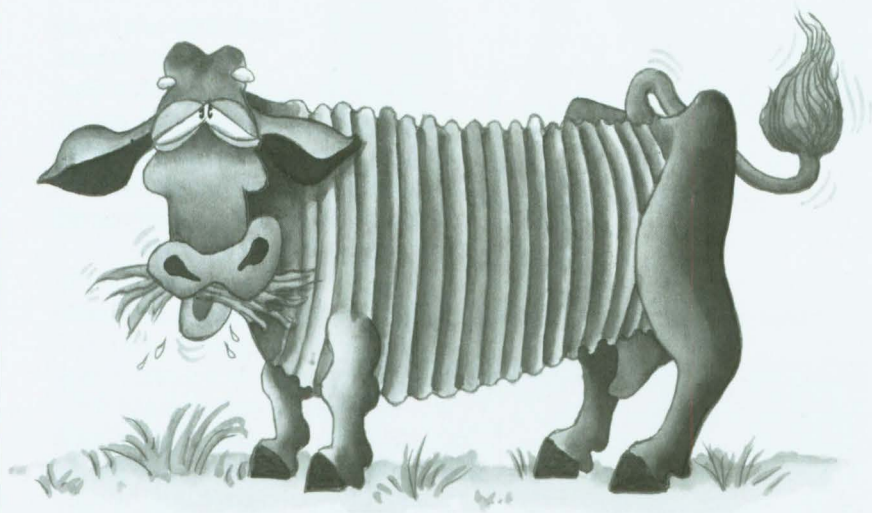


Noticiário **TORTUGA**

ANO 47

NÚMERO 419

JAN/FEV 2001



Está chegando a pré-seca. O que fazer?

Pré-seca é o nome dado ao período imediatamente anterior a seca propriamente dita. A pré-seca ocorre normalmente nos meses de abril/maio na maior parte do Brasil Central, região que abriga a maior parte do nosso rebanho.

No período da pré-seca, as chuvas começam a faltar e as pastagens começam então a perder seu alto valor nutritivo, típico do período das águas. O teor de proteína dos pastos abaixa e o de fibra aumenta.

Portanto, é na pré-seca que os ganhos de peso até então satisfatórios, começam a diminuir, diminuindo também a produção de kg de carne por hectare e os lucros do produtor.

O que fazer então neste período intermediário entre o período das águas e da seca para amenizar a perda da produtividade de bovinos a pasto? Como manter a produtividade em níveis satisfatórios na pré-seca?

Uma alternativa que vem sendo

adotada por um grande número de produtores é o preparo de uma mistura de 1 saco de suplemento mineral (que já vinha sendo utilizado por todo o período das águas) com 1 saco de sal proteinado (mistura múltipla à base de minerais, uréia e farelos) indicada para o período da seca.

Esta mistura de 1 saco de suplemento mineral com 1 saco de sal proteinado deve ser mantida por todo o período da pré-seca.

Esta prática de manejo tem permitido atenuar a curva de decréscimo do ganho de peso, que normalmente ocorre quando passamos do período das águas (pastos verdes) para o período seco (pastos amarelados e fibrosos). Assim, os ganhos de peso não caem drasticamente e, tanto a produção animal, como a lucratividade da fazenda, são beneficiados.

*Marcos Sampaio Baruselli
Zootecnista da Tortuga*

Uma decisão importante

Conforme instrução normativa número 6 do Ministério da Agricultura, desde 1º de fevereiro de 2001 está proibida no Brasil a produção, importação, comercialização e uso na alimentação animal de qualquer fonte de proteína e de gordura de mamíferos, com exceção dos derivados lácteos.

A Tortuga apoia totalmente essa medida. É importante e necessária em se tratando da doença da vaca louca. Estamos livres dela, mas todo o cuidado é pouco. Temos que proteger os interesses do Brasil, zelando pela pecuária e pela boa imagem da carne brasileira no mercado mundial.

Essa proibição não provocará nenhum efeito na Tortuga, pois a empresa não usa e nunca usou esses ingredientes em seus suplementos minerais. Desde sua fundação a Tortuga optou por matérias primas sobre as quais não pairam quaisquer dúvidas sob o ponto de vista de segurança alimentar.

É o caso do ortofosfato bicálcico de qualidade alimentar (feed grade), mundialmente considerado a mais nobre, segura e eficiente fonte de fósforo e cálcio para os animais. Isso chama-se compromisso com o progresso da pecuária do Brasil.

Febre aftosa

“Parabenizo o Noticiário Tortuga pela excelente matéria do número 417: As lições do retorno da aftosa. Como médico veterinário da Defesa da Agência Rural, tenho notado que, com referência à enfermidade, falta muitos esclarecimentos às autoridades, criadores e até mesmo a técnicos”.

*Mario Antonio Assis Fernandes
Secretaria da Agricultura de Goiás
Agência Rural, Goianésia, GO*

Assistência técnica

“Agradecemos por estarmos incluídos no cadastro de assinantes do Noticiário Tortuga. Temos também a fita do Boi Verde, que tem sido usada como suporte em nosso trabalho de assistência técnica. Gostaríamos de estar sempre recebendo as publicações técnicas que muito tem contribuído para o desempenho da nossa empresa”

*Edson Tafuri de Araújo
Claro das Poções, MG*

Mercado competitivo

“Há alguns dias recebi a correspondência em resposta ao meu pedido. Estou agradecido e satisfeito com o que me foi enviado. Já estou estudando todo o material e ampliando meus conhecimentos. E assim, ficando mais preparado para este mercado tão competitivo, graças à compreensão de toda a equipe Tortuga. Sou ainda apenas um mero estudante, mas estou a disposição.”

*Robson Pereira Nascimento
Robsonveter@hotmail.com*

Valor de uma empresa

“Agradeço a proveitosa viagem de visita à fábrica oferecida pela Tortuga. Cabe ressaltar a dedicação em explicar as dúvidas técnicas e o clima de grande conforto e companheirismo presente em todas as pessoas.

Isto nos leva a entender o lugar de destaque que a empresa se encontra no mercado.

Apontar nomes seria uma utopia ou destoaria da realidade do que foi percebido no desenrolar dos dias da

visita. Cabe, porém, agradecer de uma fora mais particular ao amigo Claus”.

*Arnaldo José Seganfredo
Garibaldi, RS*

Minerais orgânicos

“Agradeço o recebimento da fita do Boi Verde e do Noticiário Tortuga, onde tiro muitos conhecimentos sobre a criação de gado de corte, de leite e, inclusive, de suínos. Tudo em porte pequeno por causa da minha idade avançada. Tenho 86 anos, mas sempre me interessam novos métodos.

Já passei a fita e fiquei muito entusiasmado. Gostaria de saber onde é possível conseguir os minerais orgânicos para os suínos, como informou o Noticiário Tortuga.

Só uso os sais minerais da Tortuga por serem melhores do que os outros. Já fazem anos que cheguei a essa conclusão”.

*Liborlo Bohn
São Paulo das Missões, RS*

Novas regras da nutrição

“Foi um evento de suma importância para empresas e técnicos”, comenta o veterinário Ricardo Cazes, do Departamento de Pesquisas da Tortuga, que esteve presente na vídeo-conferência simultânea entre os EUA Brasil, realizada na USP, que lançou as novas tabelas de nutrição de gado leiteiro do National Research Council (NRC), órgão de referência mundial na área.



Resultado de pesquisas científicas realizadas nos últimos 15 anos no mundo, as novas tabelas estabelecem novos padrões de energia, proteína, aminoácidos, vitaminas, água e excreção de nutrientes para o meio-ambiente, para vacas em lactação, secas, em período de transição, novilhas e bezerros.

As novas tabelas estão num livro de 500 páginas, acompanhado de software gravado em CD. Exemplares podem ser adquiridos pelo e-mail frlima@usp.br, ou então pelo fax (XX 19) 561-6215 ou fone (XX 19) 9784-4133.

Noticiário TORTUGA

Publicação Bimestral

Tortuga Cia. Zootécnica Agrária

Editor

João Castanho Dias

Circulação

Francisca Suriano Silva

Fotos

Walter Simões

Editoração Gráfica e Arte

Walter Simões

Tiragem

100 mil exemplares

Redação

Av. Brig. Faria Lima, 2066

14º andar - CEP 01452-905

São Paulo - SP

Fone.: 11 3039-7700

Fax: 11 3816-6122

e-mail: noticiario@tortuga.com.br

TORTUGA

0800 116262

www.tortuga.com.br

Aniversário da fazenda

Fundada pelo lendário criador de zebu Celso Garcia Cid, a Fazenda Cachoeira, situada em Sertãoópolis, norte do Paraná, comemorou seus 40 anos de existência com homenagem a seus colaboradores e parceiros.

A Tortuga foi uma das homenageadas e o troféu foi recebido pela presidente da empresa, Creuza Rezende Fabiani, na foto ladeada por Fernanda, Celso, Natalia e Gustavo, netos e netas de Celso Garcia Cid.



Festa dos neloristas

A Associação dos Criadores de Nelore do Brasil promoveu em São Paulo, em dezembro do ano passado, uma festa de confraternização e de entrega de troféus a criadores, personalidades e empresas que prestigiam a raça, entre elas, a Tortuga. A empresa foi representada pelo diretor de vendas Ivo Marega, que recebeu a láurea nas mãos de Luis Haffers, presidente da Sociedade Rural Brasileira.



Aulas de gado zebu

O primeiro curso de especialização em zebu para jornalistas ocorreu em dezembro passado, em Uberaba, por iniciativa da Associação Brasileira dos Criadores de Zebu. Participaram 60 profissionais de jornais e revistas agropecuárias de São Paulo e Minas Gerais, inclusive do Noticiário Tortuga.

Foram dois dias de palestras, aulas ao vivo com animais das raças zebuínas, demonstração de inseminação na Pecplan/ABS e visita ao Museu do Zebu. Falou-se sobre história da raça, carne tropical, melhoramento genético, características funcionais e econômicas, biotecnologia, etc.

As palestras foram proferidas por Romulo Kardec de Camargos, presidente da ABCZ, Pedro de Felício, Luiz Antonio Josahkian, Luis Alberto Fries, Rodolfo Rumpf e Carlos Henrique Cavallari. O curso encerrou-se com um show de catira e degustação de cortes nobres do nelore.



AGENDA

Feira Agrodinâmica do Rio Grande do Sul (Expodireto Cotrijal), 20 a 23 de março, município de Não-Me-Toque. Lançamentos de máquinas, exposição de implementos para suínos, aves e bovinos de leite, palestras.

41ª Exposição Agropecuária e Industrial de Londrina, 29 de março a 8 de abril, promovida pela Sociedade Rural do Paraná. Participação de mais de trinta raças, num total de 4 mil bovinos e equinos.

1ª Feira Dinâmica de Tecnologia Animal (AnimalTEC), 1 a 4 de agosto, organizada pela Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinária da Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho (Unesp), campus de Jaboticabal.

XXVIII Congresso Brasileiro de Medicina Veterinária, 11 a 15 de novembro, Salvador. Além da parte científica (conferencistas nacionais e estrangeiros), haverá exposição de produtos e serviços para o setor. Promoção da Sociedade Brasileira de Medicina Veterinária.

I Congresso Paulista de Clínicos Veterinários de Pequenos Animais (Conpavepa) e 2ª Expovepa, 5 a 9 de maio de 2001, Centro de Convenções do Hotel Monte Real, Aguas de Lindóia, SP.

IV Congresso Brasileiro de Buiatria, 14 a 18 de maio, Palácio Popular da Cultura, Campo Grande, MS. Promoção da Associação Brasileira de Buiatria.

Uma fazenda secular de leite

Formada no final do século 19, a Fazenda São Sebastião da Várzea passou de geração a geração e sempre manteve o mesmo apogeu. Quem a comanda hoje é Ciro Villela Siqueira, nome respeitado no círculo leiteiro.

Quando se fala que a pecuária leiteira é uma vocação ancestral de Minas Gerais, existem exemplos vivos disso. É o caso da Fazenda São Sebastião da Várzea, situada em São Gonçalo do Sapucaí, no sul do estado. Ela produz leite há mais de um século, exatamente desde 1889!

Mantida na mesma família há seis gerações, hoje a propriedade está nas mãos de um de seus melhores descendentes, o respeitado criador Ciro Villela Siqueira, 61 anos. "A fazenda foi formada pelos meus tataravós", confirma. Ele tem como auxiliares o seu filho Marcelo Nunes Siqueira e o genro José Francisco Sebastianelli.

Marcas - Não é somente a tradição uma das marcas da São Sebastião da Várzea, mas também a alta produção. São 5.400 litros diários de leite tipo B, vendidos a granel e resfriado para a Cooperativa Agropecuária do Vale do Sapucaí, a Coopervass, por R\$ 0,40 o litro. Esse valor é devido à qualidade e volume do leite fornecido.

A fazenda, uma das maiores produtoras de Minas Gerais, pode estar entre as "cinco mais", pois Ciro Siqueira pretende ampliar a produção. Sua meta é chegar aos 8 mil litros diários. Será um crescimento natural, pois a fazenda tem toda a infraestrutura para tal: rebanho, área,



Ciro Siqueira: vocação nata para a pecuária leiteira

tecnologia, além é lógico, da tarimba do proprietário.

Vocação - Relatando que "saí do colégio e fui direto para a fazenda", Ciro Siqueira confessa sua verdadeira vocação: "sou um apaixonado por vacas leiteiras e tudo que sei e gosto de fazer na vida é mexer com elas". Também não se queixa da atividade sob o ponto de vista financeiro. "Tem

altos e baixos, mas comprei terras e criei meus filhos com o leite".

Espraiando-se por uma área de topografia ondulada de 1.200 ha, parte ocupada com 450 mil pés de café, a propriedade possui um rebanho de 800 cabeças, todas holandesas de grau PO ou PC. As vacas em lactação são 180, as quais produzem uma média diária individual de 30 kg de leite.

Lotes - As vacas acham-se divididas em quatro lotes, conforme o volume de produção atingido: quarenta vacas de 45 litros/dia, cinquenta de 35 litros e quarenta de 30 litros diários, estas novilhas de primeira cria. O outro lote é composto de vacas secas.

Afirmando que "no lote de novilhas tem animal de até 60 litros por dia", Ciro Siqueira sempre tem no rebanho vacas que se destacam pelo enorme potencial leiteiro. É o caso de Susy, crioula da fazenda, que chegou a produzir num dia 89 kg de leite no torneio leiteiro Miss Leite Brasil, realizado na Expomilk 2000.

Mamite - Certamente Susy era uma das candidatas fortes para vencer o mais famoso torneio do país, mas uma inesperada mamite tirou-a do páreo.

Ciro Siqueira tinha tanta convicção da vitória, que diz que "quando ela voltou para a fazenda produziu 91 kg".



A fazenda tem lote de vacas com 45 litros diários



Qualidade e volume: bom preço do leite da fazenda

A maior decepção foi para o Marcelo, filho de Ciro, que tomou gosto por torneios e que levou Susy para o Miss Leite Brasil.

Quatro vezes melhor criador e expositor da exposição de São Gonçalo do Sapucaí e vencedor de uns trinta torneios leiteiros regionais, Ciro Siqueira não gosta de participar de exposições muito distantes. "Dá muito stress no gado e prejudica o dia-a-dia da fazenda".

Vendedor - Fora umas trinta cabeças que importou dos Estados Unidos, Argentina e Canadá tempos atrás, todo o rebanho atual foi formado por ele. Não compra mais nada, mas vende muito, cerca de 150 animais por ano para todo o Brasil. São vacas para torneios, novilhas, cujos preços variam de R\$ 1.500 a R\$ 2 mil.

Observando que "o tirador moderno de leite não precisa mais de grande área para manter o gado, mas sim para produzir comida", Ciro Siqueira adota o semi-confinamento, necessitando de apenas 4 ha para manter seu rebanho. Esse sistema obriga-o a produzir 3.500 toneladas de milho e de napier por ano, que enchem 24 silos trincheira de 150 t cada.

Polpa - A silagem de milho (220 ha plantados), é fornecida para as vacas em lactação e a de napier para o gado solteiro. Esta recebe a adição de polpa cítrica, visando absorver o excesso de umidade do material e enriquecê-lo com mais energia, e um ativador da fermentação.

A dieta se completa com ração balanceada, feita na fazenda, com-



Polpa cítrica e ativador da fermentação melhoram a silagem de napier

posta de milho moído, farelo de soja, polpa peletizada, farelo de trigo, minerais e uréia. "Dependendo do custo, entro com um ingrediente protéico derivado do milho, com cerca de 23% de proteína", diz Ciro Siqueira.

Peixe - A quantidade da ração é dada de acordo com a fase de lactação e idade das vacas, ordenhadas três vezes ao dia numa sala tipo espinha de peixe. Dois funcionários dão conta do recado.

A fazenda emprega mais 48, inclusive aqueles que cuidam do gado de corte (400 cabeças), um cruzamento das raças nelore, canchim, simental e red angus, criado e recriado a campo e terminado no confinamento.

Cliente da Tortuga há mais de trinta anos, Ciro Siqueira afirma que "os produtos da empresa fazem parte do meu sucesso". Além da linha saúde,

ele usa Bovigold, Bovipasto, Bovi-prima (gado leiteiro) e Fosbovino, Foscromo, Fosbovi 40 e Fosbovi Engorda (gado de corte). "Quando a Tortuga lançou o Bovigold, minha fazenda foi uma das que serviram de teste", lembra.

Confiança - Saliendo ainda que "pela qualidade dos produtos e de sua assistência técnica, a Tortuga é uma parceira de inteira confiança", Ciro Siqueira, cujos tios e avós foram fundadores do Banco Itaú e Cimento Itaú, tem sua vida marcada por ações pioneiras.

Sua fazenda em São Gonçalo do Sapucaí foi a primeira praticante da inseminação artificial (1966), a primeira a ter silo trincheira (1932), banheiro carrapaticida e marca de café. Foi também lá que começou a funcionar a primeira geladeira elétrica da cidade.



Paulo Dannemann (Tortuga), Marcelo, Ciro e Elmo Perdomo (Tortuga)



Sede e cerca de pedra: sinais centenários da São Sebastião da Várzea

A vaca louca enlouqueceu o mundo



O epicentro da crise mais devastadora da doença animal é a Europa, mas as repercussões são mundiais. Abriu-se um vácuo no comércio da carne, que pode ser aproveitado pelo Brasil.

Até o final do ano passado o Brasil era um mero expectador da crise do mal da vaca louca na Europa. Afinal, o problema não nos dizia respeito. Nossa tranquilidade deixou de existir no momento em surgiram notícias de que nosso país também poderia estar na rota da doença.

Por enquanto, são meras especulações. Nunca tivemos um só caso de vaca louca e dificilmente vamos ter um. Nosso gado é essencialmente herbívoro e de origem zebuína. Somos a pátria do boi verde, boi acima de qualquer suspeita sob o ponto de vista de segurança alimentar.

É a mais grave de todas as doenças animais que já surgiram, o que justifica o terror que está provocando. Já estão comprovados na Grã Bretanha cerca de 90 mortes pela Doença de Creutzfeldt-Jacob, variante humana do mal da vaca louca, tecnicamente chamada de encefalopatia espongiiforme bovina (EEB, ou BSE em inglês). Mas as previsões são assustadoras.

Ignacy Sachs, professor de Altos Estudos em Ciências Sociais de Paris, escreveu no Estadão que “como a incubação dessa terrível enfermidade é muito demorada, é provável que ceifará ainda centenas ou milhares de vidas humanas. Os mais pessimistas falam em 150 mil vítimas potenciais”.

Tudo começou no Reino Unido (formado pela Inglaterra, Escócia, País de Gales e Irlanda), pátria das dezenas de raças animais hoje criadas no mundo inteiro. Como os bovinos hereford, aberdeen angus, devon, jersey, ayshire; os ovinos suffolk, os suínos large white; os equinos poney, puro sangue inglês.

O surgimento da vaca louca se processou em três estágios: Saúde Animal (no início acreditava-se que

era uma doença exclusiva de gado); Saúde Pública (surgem os primeiros casos de pessoas contaminadas); Guerra Comercial (países começam a vetar a importação de produtos ligados à doença).

O primeiro estágio vai de 1930 a 1989. Nesse período é detectada em ovelhas britânicas o scrapie, doença semelhante à da vaca louca transmitida por uma proteína infecciosa chamada de prion. Aparecem em bovinos do país os primeiros casos da BSE. O mundo até então não tinha acordado para a gravidade do problema.

O segundo estágio se estende de 1990 a 1997. A Grã Bretanha constata os primeiros sinais de uma doença estranha entre a população. Uma garota é hospitalizada com problemas no sistema nervoso central. Finalmente o país admite que a vaca louca pode ser transmitida pelos animais ao homem e que treze pessoas estão com a doença.

O terceiro estágio vai de 1998 a 2001. A doença explode nos rebanhos da Europa. Começa a morrer gente. Tem início na França e na Alemanha o abate de bovinos doentes por rações feitas com resíduos de origem animal, principalmente de ovinos, importadas da Grã-Bretanha, que sacrificou 30% do seu plantel bovino em 1996.

Instala-se uma crise comercial, a principal marca do período, sem precedentes na Europa. O Carrefour recolhe carne suspeita de suas lojas na França. A Itália nega-se a comprar gado e carne da França. O consumo de carne bovina na Europa cai 50%. O preço das carnes brancas sobe mais de 30%. A União Européia mantém



proibida a importação de carne bovina da Grã-Bretanha.

Tudo isso tem um custo para o orçamento europeu: US\$ 3 bilhões. Esse valor pode subir para quase US\$ 9 bilhões se as exportações e o consumo de carne continuarem em queda livre, como estão. Esse dinheiro é para indenizar fazendeiros, destruir milhões de toneladas de rações e incinerar milhões de carcaças.

O lixo deixado pela vaca louca é realmente impressionante. Só na Grã Bretanha existem 450 mil toneladas de carcaças, oriundas dos 4,74 milhões de bovinos que abateu, a um custo de US\$ 4 bilhões. Os incineradores vão precisar de três anos para destruir o material e enterrar as cinzas.

A doença da vaca louca é tão dramática, que pode inclusive mudar a famosa Política Agrícola Comum, sobre a qual se assenta toda a agricultura européia. Sem o oxigênio financeiro da PAC a atividade não sobrevive. É na PAC que os produtores se abastecem de subsídios bilionários.

O jornalista francês Gilles Lapouge explica porque. “Foi a PAC que determinou a linha produtivista furiosa da agricultura européia. Para forçar seu desenvolvimento, e aumentar o peso dos animais, se recorreu maciçamente a rações e essas rações enveneraram as tropas. Tentou-se fazer da agricultura e do gado uma variedade das finanças e indústrias e introduziu-se um perigoso vírus no centro da construção européia”.

O mal da vaca louca é problema

Europeu, mas outros países entraram na berlinda. O Brasil é o principal deles. Muitos interesses estão em jogo. Veja-se a recente retaliação comercial do Canadá. Mas o Brasil pode tirar proveito da situação, pois abriu-se um vácuo no comércio internacional de carnes e temos todas as condições para ocupá-lo.

Todavia, esse comércio não é um baile de debutantes. Exige jogo duro

e muito profissionalismo. Organizar uma força-tarefa para rastrear todo rebanho, criar um selo de garantia de origem da carne, fazer propaganda no mundo inteiro, são as medidas urgentes, antes que a caravana passe.

Precisamos criar a grife "boi verde", como fizeram os italianos com o queijo parmigiano, os franceses com a champanhe, os suíços com o chocolate. Nosso "boi verde" não

merece mais ser considerado uma mera commodity. A oportunidade de ouro é agora, pois o mal da vaca louca separou o joio do trigo: quem produz carne boa e carne ruim. Para o bem do Brasil, ela está sendo um divisor de águas na pecuária mundial. Parafraseando o ex-ministro Rubens Ricúpero, a nova fronteira agrícola da pecuária brasileira não é a Amazônia nem os cerrados, mas o mundo. (JCD)

RESUMO DOS FATOS

A Organização Mundial da Saúde, da ONU, rastreou vaca louca no mundo todo no ano passado e declarou que ela acha-se presente em 14 países: Canadá, Inglaterra, Irlanda, França, Suíça, Alemanha, Bélgica, Holanda, Dinamarca, Itália, Portugal, Kuwait, Oman e Malvinas.

Além do que já abateu, a Europa deve abater ainda 2 milhões de cabeças. Brasil, Estados Unidos, Rússia, Israel, Ucrânia, Austrália e Nova Zelândia são os países que proibiram a importação do continente de produtos animais (sêmen, carne bovina e ovina).

Relatório da Organização Internacional de Epizootias informa que a Grã-Bretanha exportou cerca de 3,6 milhões de animais para 36 países no período 1988/1996.

O Brasil importou 5.821 animais de oito países europeus de 1993 a 1997: Alemanha (4.100 cabeças), Suíça (931), França (482) e Bélgica (215), Dinamarca (41), Itália (23), Luxemburgo (19) e Holanda (10).

O Comitê de Balizamento Científico da União Européia classificou o Brasil de "risco médio" de ocorrência da vaca louca devido as importações de material genético animal que fez do continente. O mesmo aconteceu com o Canadá e Estados Unidos. Já para a Argentina, Austrália e Nova Zelândia, o órgão europeu deu a melhor nota (sem risco).

Desde dezembro de 2000 o Brasil proibiu a importação de gado e sêmen da Europa, conforme de-

cisão do Ministério da Agricultura.

O Ministério da Agricultura também proibiu a partir de fevereiro de 2001 a fabricação no país de rações com produtos de origem animal.

Outra determinação do Ministério a partir de 14 de fevereiro: animais puros importados de países com BSE devem ser abatidos e suas carcaças incineradas ou sepultadas nas fazendas após cessarem fase reprodutiva. Os criadores devem comunicar o fato ao serviço oficial de defesa sanitária. Antes esse animais eram vendidos aos frigoríficos.

Com a recente confirmação de 24 animais com a doença e dois casos em pessoas, a Espanha vetou a venda da carne dos touros mortos nas touradas. São 17 mil t/ano. O país já fez testes em 25 mil cabeças, revelando que uma em cada mil é positiva.

A Alemanha, que tem 25 animais infectados, montou um plano que pretende abater inicialmente 400 mil vacas leiteiras suspeitas de estarem com BSE, a um custo de US\$ 570 milhões.

Nos dois últimos meses a polícia da Itália apreendeu 20 mil toneladas de ração formulada com farinha de carne e osso e 45 mil toneladas de alimentos cárnicos importados, cuja documentação não estava em ordem. A Itália tem um só caso de animal vaca louca, mas existem suspeitas de um outro.

O temor na Itália espalhou-se mais ainda depois que o maior

frigorífico do país, o Cremonini, situado em Turim, teve seus produtos declarados suspeitos em relação à vaca louca. Isso justamente no momento em que o Cremonini fazia uma campanha publicitária alardeando a qualidade de seus famosos embutidos.

A primeira vítima da vaca louca fora da Europa pode estar na Coreia do Sul, que importou da Europa sangue bovino desidratado para fazer rações animais. Autoridades do país informaram que existe num hospital um paciente com sintomas típicos da doença.

O Instituto de Pesquisa Agropecuária de Braunschweig, Alemanha, está fazendo testes em ratos transgênicos, vacas e bezerros, para ver se a doença da vaca louca se transmite ou não pelo leite. Que a BSE é transmitida pela vaca para o feto em gestação já se sabe. Os cientistas do instituto estão na pista de uma vacina contra o mal.

A Federação da Agricultura de Minas Gerais enviou ofício ao Ministério da Agricultura solicitando que o Brasil suspenda a importação de leite da Europa, como medida preventiva contra a vaca louca.

O jornal inglês The Guardian noticiou que 45 mil frascos de albumina suspeita de contaminação pelo mal da vaca louca foram importados pelo Brasil em 1996. Os frascos foram distribuídos para hospitais públicos e privados.

O Reino Unido vai indenizar com US\$ 36 mil as famílias das pessoas que morreram por causa da vaca louca.

O lado ruim das rações e protéicos

Em vez de alimentar o gado, os pecuaristas podem estar contaminando seus pastos com ervas daninhas. Texto do veterinário João Osmar de Oliveira, assistente técnico da Tortuga no Mato Grosso.



Lavoura de soja tomada por fedegoso branco e malvas

A pecuária de hoje não tolera mais o amadorismo; para viver nela é preciso ser profissional mesmo. Foi-se o tempo das “vacas gordas” e sequer podemos sonhar que esta época retorne. Por isso precisamos agora buscar detalhes e ter criatividade para sobreviver. Infelizmente, o que comentaremos neste artigo não merece ser classificado como “detalhe”: é um fato que está provocando de maneira surda ou cega, prejuízos incalculáveis à nossa já sofrida pecuária extensiva.

Para a produção de rações e protéicos, muito em voga hoje em dia,

não pára de crescer o número de fabricantes, gerando assim uma acirrada disputa pelo grande mercado. Existe a possibilidade de se trabalhar com matérias primas dos mais diversos tipos e origens, como subprodutos ou resíduos agrícolas com grande quantidade de impurezas e, por isso mesmo, muito baratos.

Bombas - Este artifício vem sendo usado com muita frequência por empresas interessadas apenas em reduzir seus custos e serem competitivas. É um fato que vem acarretando consequências muito sérias e prejudiciais à nossa pecuária, pois o

menor custo destes produtos, que não têm o mínimo controle de qualidade, na maioria das vezes tem funcionado como verdadeiras bombas de efeito retardado. Produtos que pareciam os mais atraentes, acabaram se transformando nos mais caros e indesejáveis do mercado.

Queremos deixar bem claro que este artigo não envolve todas as rações e protéicos, mas tão somente aquelas marcas que são fabricadas sem o menor compromisso com a honestidade e seriedade. Essas marcas possuem grande quantidade de sementes das mais diferentes pragas, que vem cumprindo o indesejável papel de disseminar ervas daninhas nas fazendas.

Novo - A degradação tradicional das pastagens brasileiras é um velho, grave e crescente problema (porém já bastante estudado e esclarecido); quase sempre decorrente do empobrecimento do solo em nutrientes para o pasto e (ou) manejo inadequado da pastagem.

Porém, o que estamos comentando é um assunto novo, que embora acelere e agrave ainda mais a realidade já existente, merece ser tratado a parte pela sua gravidade. O melhor é



Local onde foram instalados cochos de um semi-confinamento na seca do ano passado



Ex-pastagem onde se usou farelados nas duas últimas secas



Reconstrução de uma pastagem totalmente invadida por ervas daninhas pelo uso na seca de farelados contaminados

resolver o problema na raiz, do que ter que consertá-lo lá na frente.

Circuito - A origem de tudo está nas lavouras mal cuidadas e, posteriormente, na falta de escrúpulo de determinados fabricantes de rações ou protéicos, que criminosamente engordam seus lucros vendendo produtos de baixíssima qualidade. Ocorre então um circuito que envolve: Lavoura + Indústria + Rebanho + Solo + Pasto.

A granulometria das sementes de praticamente todas as pragas mais comuns às lavouras, possíveis de serem recambiadas para as pastagens através dos resíduos agrícolas, são plenamente compatíveis com a granulometria de muitas rações e protéicos, escapando intactas da moagem da matéria prima, quando isso ocorre.

Ruminal - Por isso, quando consumidas pelos bovinos, sofrem através da flora ruminal e sucos digestivos, uma perfeita escarificação, tornando estas sementes plenamente viáveis para uma germinação precoce (são as primeiras que nascem). Além, é claro, de ainda serem eliminadas com as fezes que acabam lhes servindo como adubo.

É muito comum observar em pastos onde se fez semi-confinamento ou onde se fornece protéico utilizando produtos contaminados por sementes de pragas, uma grande infestação próxima dos bebedouros, cochos, malhadas, rodeios e margens das estradas. São locais que recebem maior deposição de fezes e que

geralmente oferecem menor concorrência do capim à instalação das pragas.

Proteína - Outro fator que contribui bastante para a utilização destes perniciosos sub-produtos ou resíduos agrícolas, é que as sementes das ervas daninhas possuem boa palatabilidade e são ricas em proteína e NDT, sendo inclusive aprovadas em testes quanto estes elementos são analisados.

Mas há o reverso da medalha. A proteína e energia acabam passando incólumes pelo tubo digestivo dos bovinos, como peixes que fogem do anzol, e são eliminadas pelas fezes, deixando pouca ou nenhuma contribuição nutricional.

Fedegoso - Em nossas observações de campo constatamos que a proporção de pragas nas lavouras (alto percentual de lavouras infestadas) é



Mesmo a veda absoluta da pastagem durante um ano não foi capaz de recuperar os espaços ocupados pelas pragas disseminadas por farelos inidôneos

Danos mais comuns das infestações de pastagens por pragas

- Queda da capacidade de suporte
-
- Elevação dos custos de produção
-
- Vedas forçadas para conter a praga
-
- Gastos com herbicidas e roçadas
-
- Maior mão de obra com baixo retorno
-
- Transtornos no manejo do rebanho e pastos
-
- Propagação das pragas em outras áreas
-
- Reforma do pasto em casos extremos de infestação

semelhante àquela que encontramos invadindo as pastagens de propriedades que usaram rações ou protéicos contaminados.

Entre as pragas encontradas com mais frequência e intensidade, destacamos duas variedades de fedegoso, quatro de malva, malícia, canela de perdiz, picão preto, vareta de rojão, mata-pasto, leiteiro e outros. Algumas pragas, após instaladas, suportam altos desafios, como seca, roçada, práticas de manejo e até veda absoluta do pasto, sem devolver o espaço ocupado.

Os ladrões de nutrientes dos grãos

Laurindo A Hackenhaar, agrônomo da Tortuga



Os fungos produzem toxinas que prejudicam a reprodução das porcas

Graças a Deus, estamos tendo um verão quente e chuvoso em quase todo o Brasil que produz milho, soja, arroz, sorgo, etc. Os indicadores sinalizam uma grande safra, próxima a 90 milhões de toneladas. Os consumidores de grãos, avicultores, suinocultores, devem estar satisfeitos. A boa oferta levou os preços para baixo, para desespero do agricultor.

Esta conjuntura pode levar a safra a não receber os devidos cuidados no campo e no armazenamento, ou seja: colheita no ponto certo, limpeza do grão, sua secagem quando necessário e a utilização de silos ou armazéns devidamente limpos e preparados.

Pragas - Os cereais se contaminam na lavoura com uma série de microorganismos, como bactérias, leveduras e fungos. No verão este fato fica ainda mais acentuado. Muitos destes organismos desaparecem no armazenamento.

Mas tem outros que proliferam e causam grandes problemas quando as condições lhes são favoráveis. Estas condições são especialmente a umidade, calor, grãos quebrados e a presença de insetos. Neste ambiente os fungos multiplicam-se e impõem enormes danos aos cereais.

Vivos - Quando se fala em fungos,

logo se pensa nas micotoxinas que eles produzem e seus efeitos negativos à saúde dos animais e das pessoas. No entanto, grandes perdas ocorrem nos armazéns e silos de forma lenta e gradual na degradação dos nutrientes dos cereais armazenados imprópriamente.

Os fungos são seres vivos e como ladrões, se alimentam dos nutrientes dos grãos, deixando-os mais pobres. Os animais alimentados com estes cereais tem seu desempenho comprometido. Percebe-se que a densidade do grão diminui sensivelmente à medida que as porcentagens de gordura e amido ficam afetadas. Como os fungos degradam pouco a proteína, ela aumenta à medida que os outros nutrientes são atacados.

Caloria - Os ácidos graxos ficam seriamente comprometidos pela ação dos fungos. O cereal armazenado inadequadamente, com umidade alta, gera calor e esta caloria vai fazer falta para o bom desempenho dos animais.

Estes pontos ajudam a esclarecer a dificuldade de avaliar a qualidade de um milho pela simples análise bromatológica. Sempre que o milho é armazenado úmido, o silo esquenta pela ação dos fungos.

Água - A tendência é injetar ar, geralmente quente, e por isto contém muita água que acaba condensando dentro do silo sobre a camada superior. Pelo menos nesta área, as condições ficam muito favoráveis para a proliferação de microorganismos indesejáveis nos próximos dias.

Por esses motivos, o grão precisa ser colhido na hora certa, armazenado limpo e com umidade abaixo de 13%. Mesmo que alguns fungos venham da lavoura, eles não encontram ambiente favorável para o seu crescimento nos silos e armazéns.

Concorrentes - As micotoxinas ou toxinas, são metabólitos secundários produzidos pelos fungos para inibir o desenvolvimento de espécies concorrentes. Isto não impede que outros fungos e toxinas sejam encontrados em um mesmo silo de grãos.

De acordo com Richard (1997), em torno de 100 espécies de fungos produzem micotoxinas e apenas 15%

Evolução do valor nutritivo do milho à medida que fica deteriorado

Grau de deteriorização	0	1	2	3
Densidade g/litro	732	688	649	610
Gordura	4,40	3,49	3,58	2,95
Proteína %	8,31	9,13	9,40	10,23
Cinzas %	1,31	1,08	1,37	1,27
Amido %	70,53	70,20	69,85	69,76
Fibra %	3,45	4,10	3,80	3,79
Acidez %	1,91	3,71	4,36	4,98

Fonte: Lucta - Espanha

estariam envolvidos em intoxicações alimentares. Seguem abaixo as principais espécies de fungos e e suas toxinas.

Aspergillus flavus e Aspergillus parasiticus

Estes fungos produzem as toxinas conhecidas por aflatoxinas B₁, B₂, G₁ e G₂. A pior delas é a B₁. São facilmente encontradas no milho, soja, amendoim e outros cereais, quando armazenados umidos e com temperatura alta. Esta toxina ataca o fígado, é imunodepressora e tem alto poder carcinógeno. Porém, o grande prejuízo mesmo é subclínico. Os animais desempenham abaixo do potencial.

Fusarium graminearum

Este fungo produz a Zearalenona, toxina que induz as fêmeas suínas a manifestar falso estro, resultando em aumento dos lábios vulvares e podendo levar ao prolapso retal e ou vaginal. A reprodução pode ser afetada com leitegadas pequenas, natimortos e leitões com "splayleg" (pernas abertas); Algumas espécies de Fusarium produzem a Vomitoxina, também imunossupressora, que leva os

animais a recusar alimentos e a vômitos.

Outras espécies de Fusarium ainda podem produzir toxinas conhecidas por fumonisinas, facilmente encontradas no milho. Esta micotoxina inibe a ação de certas enzimas. As intoxicações se manifestam de forma diferente nas espécies. Em suínos podem manifestar-se na forma de edema pulmonar.

Ocratoxinas

São toxinas encontradas mais em

cevada e são produzidas por fungos das espécies Aspergillus e Penicillium. Também são imunossupressoras. Os maiores danos que os fungos causam estão relacionados com a deterioração dos alimentos e com as toxinas residuais nestes alimentos.

A consequência maior é a queda no desempenho dos animais, porque recebem um alimento degradado em seus nutrientes e contaminado por metabólitos tóxicos para os animais, inclusive para os humanos.



O milho deve ser armazenado com menos 13% de umidade

BOI GORDO

PREÇO DO BOI GORDO
Dólares por arroba

	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001
JAN	19,78	21,84	23,59	25,69	30,72	21,56	23,03	24,11	20,13	23,28	20,98
FEV	18,05	19,04	22,06	27,10	29,77	22,43	23,84	23,95	16,95	22,53	
MAR	19,48	17,81	22,15	27,19	26,99	21,81	24,60	24,25	17,15	22,10	
ABR	17,81	21,86	23,96	24,18	25,89	22,22	24,52	24,10	18,59	21,62	
MAI	17,59	19,11	21,66	20,84	23,98	21,11	23,41	23,08	18,12	20,48	
JUN	19,46	18,06	20,84	24,78	23,00	21,51	24,20	23,38	17,28	21,56	
JUL	22,76	18,87	23,94	25,16	26,91	23,84	24,99	23,68	18,60	21,96	
AGO	25,03	22,52	29,05	26,67	25,48	23,69	24,37	23,90	17,53	23,21	
SET	25,42	23,99	28,08	28,85	25,19	24,05	24,23	25,40	18,70	21,20	
OUT	30,77	23,64	27,81	37,82	26,06	24,40	25,45	23,56	20,31	23,16	
NOV	24,33	21,67	26,36	37,95	25,96	22,33	24,38	24,30	21,76	21,56	
DEZ	20,84	23,04	28,86	33,21	21,69	22,65	25,13	23,64	22,59	20,88	

Nota: Os preços, tirados da média ponderada do câmbio oficial, são os pagos pelos frigoríficos no prazo de 20 dias.

Fato Relevante

O Boi Verde® está consolidando-se como um sistema perfeitamente viável de pecuária de corte no Brasil, sob o ponto de vista produtivo, reprodutivo e de rentabilidade, deixando para trás o tempo em que era apenas uma mera possibilidade acadêmica.

A Tortuga rejubila-se com esse fato, pois foi a empresa que lançou o conceito do Boi Verde® sete anos atrás, quando desenvolvia um projeto visando um mineral orgânico que desse sustentação nutricional para um animal que, vivendo exclusivamente a campo e comendo só capim, atingisse sua idade produtiva precocemente.

Os resultados comprovadamente positivos alcançados pelas milhares de fazendas de todo o país que estão produzindo o Boi Verde®, difundido pela Tortuga em palestras, documentários, dias de campo, artigos, mostram que o caminho a ser definitivamente seguido é esse, sem nenhuma dúvida.

O Boi Verde® está tornando-se uma realidade não apenas por ser um sistema que atende os interesses dos criadores, mas sobretudo porque vai de encontro aos anseios dos consumidores, no sentido de alimentarem-se de forma mais segura possível, hoje em dia uma remota chance no mundo, como sinaliza o lamentável episódio do mal da vaca louca.

O grande trunfo do Boi Verde® brasileiro é que ele é um exemplo para países que industrializaram demais sua pecuária, esquecendo que os bovinos nasceram herbívoros e assim devem continuar para o bem de todos nós.

Boi Verde® é marca registrada da Tortuga